

• OS EVANGELHOS 2005  
COMENTADOS

*Prefácio:* José Augusto Ramos

*Editora:* Edições Firmamento

Lisboa, 2004 - 238 pp.

*Textos de:*

AbdoolKarim Vakil, Adel Yussef Sidarus, Alfredo Teixeira, Ana Maria Caetano, Anselmo Borges, António Cândido Franco, António Oliveira Pena, António Pinto Leite, António Rêgo, Aura Miguel, Bento Domingues, Carlos H. do C. Silva, D. Manuel Quintas, Dalila Lello Pereira da Costa, Damião da Rosa, Dimas de Almeida, Diogo Freitas do Amaral, Eduardo Santos Silva, Emília Nadal, Etelvina Costa, Gilda Nunes Barata, Guilherme d'Oliveira Martins, Helena Ângelo Veríssimo, Isabel Carmelo Rosa Renaud, Isabel Stilwell, João de Bragança, João Resina Rodrigues, Jorge Leandro Rosa, Jorge Manuel Moreira Silva, José Augusto Mourão, José Carlos Calazans, José de Vitorino de Pina Martins, José Eduardo Franco, José de Sousa Machado, Joseph Abraham Levi, Laurinda Alves, Mafalda Faria Blanc, Manuel Lencastre, Manuela Mendonça, Maria de Jesus Barroso Soares, Maria Ferreira da Silva, Maria Julieta Mendes Dias, Mário Simões, Michel Renaud, Núria Frau, Paulo Borges, Paulo Carreira, Paulo Jorge Soares, Paulo Mendes Pinto, Pedro Gomes Barbosa, Pedro Teixeira da Mota, Teresa de Castro Simas, Teresa Martinho Toldi, Vítor Feytor Pinto

---

Adel Sidarus

Com muito atraso, realizou-se na Universidade de Évora, a 27 de Abril de 2005, mais um lançamento dessa original obra colectiva. Tendo participado nela três docentes dessa Universidade do Alentejo, era o sítio evidente. E foi com naturalidade que o seu Magnífico Reitor, Prof. Doutor Manuel Ferreira Patrício, aceitara de patrocinar o evento e ser um dos apresentadores. Além dos

professores da sua casa, havia tantos outros co-autores que ele conhecia bem. Já para não falar do conteúdo do livro... Também nos honrou com a sua presença o biblista da terra, Cónego Dr. Eduardo Silva Pereira, professor no Instituto Superior de Teologia e Vigário Geral da diocese.

Ambas as intervenções tinham sido preparadas com esmero e afecto, tocando deste modo o pequeno número de presentes. Naturalmente surgiu a ideia de alargar o círculo destes privilegiados por via da publicação dos respectivos textos. A isso acedeu espontaneamente a direcção da RLCR, até pelo envolvimento de alguns dos seus membros na concepção e edição da obra.

Em nome dos co-autores e da casa editora, agradeço cordialmente os eminentes apresentadores, em particular pela sua disponibilidade em entregar os seus textos para a devida divulgação.

Manuel Ferreira Patrício

Reitor da Universidade de Évora

Este livro é, em primeiro lugar, uma bela ideia. É um espaço de encontro, um ponto de encontro, a que comparecem os que para o encontro foram chamados e aceitaram o apelo.

É bom estarmos juntos. O Encontro é talvez uma categoria que se inscreve no topo da coroa humana categorial. O Encontro é talvez a alvorada do Amor, se não é mesmo o nascer do Sol que é o nascer do Amor. O Encontro é, verdadeiramente, a Boa Nova, o *Eu-anghélion*, o Evangelho.

Escreveu Sebastião da Gama que “pelo sonho é que vamos”. E para onde vamos? Para quem vamos? Vamos para o Amor.

A apresentação deste livro faz parte do encontro, também é encontro. Por mim, posso declarar que neste livro me

sinto amplamente em família. Só os amigos de longa data são, desde logo, multidão: o Adel Yussef Sidarus, o António Cândido Franco, a Aura Miguel, o Carlos Henrique do Carmo Silva, a Dalila Pereira da Costa, a Emília Nadal, o Guilherme d'Oliveira Martins, a Isabel Carmelo Rosa Renaud, o Jorge Moreira da Silva, o José Eduardo Franco, a Maria de Jesus Barroso Soares, o Michel Renaud, o Paulo Borges. Depois os conhecidos, que são praticamente todos os outros.

Basta para mostrar que encontrados andamos sempre, os que agora nos reunimos neste encontro.

Depois, o local deste encontro: a Universidade de Évora. Vem ela, após longa, clara e logo penosa caminhada, desde o meio do século XVI. Sofre no caminho um assalto violento e depredatório, ela que se bateu brilhantemente pela Boa Nova, pelo encontro, em tempos difíceis e movediços. Fica no chão, prostrada, aparentemente morta e exposta às aves necrófagas. Reergue-se, sobre novos membros, dois séculos volvidos. Voa hoje com novas e frescas asas, alta sobre a planície, do alto olhando a bela Évora, o doirado Alentejo, o verdejante Portugal, a multicolor Europa, o vasto Oceano das aventuras lusíadas dos tempos de menina, o Mundo que foi sempre o limite do horizonte que o seu olhar envolveu.

Estamos aqui. Somos d'aqui. Aqui estamos para o encontro e, decisivamente, para o Encontro. Agradecemos a quem para o acto de hoje nos escolheu e nos conclamou.

Interessante é também a ideia de comentário inscrita no título do livro: *Os Evangelhos 2005/comentados*. Deixam-me esquecer a letra da etimologia para lembrar com superior fidelidade o espírito da palavra. Farei como fez Paul Claudel com a palavra *connaître*: conhecer. Leu ele: *co-naître* é *nascer com*. Nascer com o objecto conhecido é conhecer. Ousarei eu

dizer. Comentar será *cum-mentare*: mentar, pensar, com. Com o outro. Comentar é encontro de pensamento com o outro.

Comentar não é colocarmo-nos acima do texto comentado. É, mais humildemente e mais veridicamente, encontrarmo-nos com o outro no texto. Com o outro que fala no texto, com o outro que lê o texto e fala com ele, com todos nós celebrando o texto no altar que o texto é.

Deixem-me declarar que não me agrada a ideia de ir ao texto sagrado que são os Evangelhos em busca da heterodoxia. Quer a ortodoxia, quer a heterodoxia, colocam-nos no mundo da Opinião. Desde os Gregos que sabemos que a Opinião não chega à Verdade. Ora o que nós queremos é a Verdade. Ser difícil encontrá-la, acontecer mesmo não a encontrarmos, não é razão bastante, nem suficiente motivo, para nos entregarmos nos braços da Opinião, da *Doxa*. Eis porque a busca que nos comanda é a *Alétheia* e não a *Doxa*. Eis porque não compareço ao encontro dos Evangelhos para ser heterodoxo ou ortodoxo, mas para olhar face a face a Verdade. A Verdade que tem, certamente, múltiplos rostos, para poder ser vista por múltiplos olhos. A Verdade que tem, certamente, inscrita no núcleo do núcleo – como é título de um tratado de Ibn Arabi – a marca do infinito e pode, por isso, ser apreendida pela finitude de todos os olhos e olhares. A Verdade é o não-latente, o não-já latente, e por isso a abertura ao patente, ao desde agora possível patente.

É bom que cada olhar seja o olhar que é. É bom que o olhar não seja recitante, que o olhar seja citante. Para a Verdade não se olha a re-citar; a Verdade, como belissimamente o evidencia José Enes, em *À Porta do Ser*, a verdade cita-se: de frente, de caras, sem medo.

É esta atitude que vemos praticada pelos comentadores de *Os Evangelhos 2005/comentados*.

Seja-me lícito escolher alguns breves momentos do olhar de alguns dos meus amigos que habitam este livro com os seus comentários.

Em primeiro lugar, Adel Sidarus. Escolheu ele *Lucas*, 1, 26-38: a anúncio, *l'annonce faite à Marie*. É o anúncio da *dádiva*, a Maria e à humanidade. É a si próprio que Adel Sidarus vê ser feito o anúncio. Comenta assim: "Em muitas sociedades, antigas e contemporâneas, os nomes de pessoas têm um significado, traçam um programa de vida. Um dos elementos da minha onomástica é *Sidarus*: deformação árabe do antropónimo egípcio-grego *Isidoros*, a saber: "Dádiva de Ísis". *Sidarus* o é, nós o somos: *Dádiva de Deus, Dádiva de Maria, Mãe de Deus*.

Que linda acho esta hermenêutica, este sentir-se directa e pessoalmente anunciado, este *mentar* o texto evangélico desde o núcleo do núcleo de si mesmo, *Sidarus!*

Em segundo lugar, Aura Miguel, minha colega e companheira-vizinha-próxima de lugar no Curso de Defesa Nacional de 1995. Uma mulher, uma cristã, uma católica, uma jornalista que deve ser das pessoas que mais de perto e regularmente conheceu o saudoso Papa João Paulo II. Mulher de fé forte e frontal, como sei que é. Mulher não ortodoxa nem heterodoxa, mas só vera, de áurea veracidade. Escolheu: *Mateus*, 2, 1-12: o episódio da chegada dos Reis Magos ao Menino Deus, para o ver, o adorar e o presentear. No seu comentário impressionou-me a ideia de caminho, a ideia de caminhos. Houve o caminho da viagem até ao Menino Deus, houve depois os caminhos de regresso, "outros caminhos". Entre as duas viagens, os dois caminhos, a contemplação, a adoração e os presentes. O encontro com o Menino implicou a "mudança de rumo", "o não a Herodes". É sinal que

nos deixa Aura Miguel para o nosso próprio itinerário. E ainda outro, vindo das entranhas da ideia do ouro oferecido pelos Magos a Jesus. A ideia do ouro da nossa existência, a oferece ao Senhor.

Os Evangelhos são, de facto, uma mina. Uma mina de ouro. Uma mina áurea. Eis como Aura Miguel, a Áurea Miguel, a Dourada Miguel, se sente, se vê, se assume – tal como Adel Yussef Sidarus – pessoalmente visada, interpelada, pelo texto evangélico; como se sente, se vê, se assume, convocada em pessoa para o encontro, para os encontros plurais e vários da existência, para o Encontro de que este livro é um sinal, um elemento, um facto já.

Se é verdade que a palavra hebraica *amen* significa "confio em que aquilo que me dizes seja verdade", eu direi com simplicidade: *ámen*.

#### UMA OBRA-SURPRESA\*

*Cón. Dr. Eduardo Silva Pereira*

Convidaram-me para estar presente na apresentação deste livro. Confesso que tive muita relutância em aceitar o convite. Só o aceitei quando me disseram que a apresentação seria feita pelo senhor Reitor da Universidade, o Doutor Manuel Ferreira Patricio, meu bom amigo e pessoa que eu muito estimo e aprecio pela solidez dos seus princípios humanistas e que imprime a marca de qualidade e seriedade em tudo o que faz. Por isso, estou aqui com muita satisfação.

Gostaria de deixar bem claro de que estou aqui, não em nome da hierarquia ou da ortodoxia religiosa para apadrinhar um livro que pelo andar da carruagem parece ser de carácter religioso. A minha presença deve-se apenas ao facto de toda a minha vida estar muito ligada aos estudos bíblicos e sobretudo à insis-

tência de amigos a quem tenho sempre muita dificuldade em dizer «não». Mas verdade seja dita, estou aqui porque penso que vale a pena gastar tempo com livros como este que, embora muito modesto na sua imagem, é imensamente rico pela proposta de um referencial de vida profundamente humanizador. Posso dizê-lo com toda a verdade, porque já o utilizei várias vezes na preparação das homilias que tenho de fazer aos sábados e domingos. Sim, porque não quero ser atingido pela censura de um ilustre catedrático que, ainda há bem pouco, também na apresentação de um livro, afirmou que tinha lido o livro, pois não fazia como os pregadores de sábado e domingo que mais das vezes falam sobre os textos sem os terem lido. Só para contextualizar o alcance da sua censura, a apresentação estava a ser feita num sábado à tarde.

Mas vamos ao livro. Confesso-vos muito sinceramente que a minha primeira reacção foi quase de rejeição. Nada me disse a capa, nem a editora, nem até o próprio título. Além disso não apresenta autor de renome que só por si recomendasse a sua leitura. Despertou-me no entanto algum interesse a vastidão de nomes a pulverilhar o frontispício. Mas quando dei conta estava já a pensar com os meus botões: cá está mais um à procura de sucesso comercial, explorando o terreno religioso.

Foi então que liguei o canal da razão e decidi fechar a porta à tentação fácil do preconceito. Olhei mais atentamente para cada um dos nomes e começo a ver passar homens da ciência e da cultura, uns crentes, outros ateus ou agnósticos, uns membros de outras religiões ou confissões cristãs e alguns também cá do «sindicato». Comecei então a acreditar que o projecto poderia assentar na seriedade e honestidade intelectual, produtos nem sempre utilizados em Portugal

quando se aborda o facto religioso. Claro está que os primeiros comentários que visitei não foram obviamente os dos padres ou daqueles cujo posicionamento doutrinário ronda a ortodoxia. Fui direitinho aos comentários dos que são conhecidos por sensibilidades culturais diferentes, ou seja, aos que têm outros olhos de ver o mundo e que por isso mesmo vêem de maneira diferente aquilo que os da casa já nem vêem por força da habituação. E digo-vos muito honestamente que fiquei surpreendido. Que-reis saber porquê?

Aponto apenas duas razões: Em primeiro lugar, obviamente pela seriedade. De modo geral, cá entre nós sempre que se aborda o tema da fé e do transcendente, é quase sempre para o opor ao desenvolvimento científico ou à maturação da pessoa humana, como se de opostos se tratasse. Desvaloriza-se um em detrimento do outro, para justificar uma vivência de olhos fixos exclusivamente no horizonte material da vida. Neste livro não acontece isso. Só por isto eu o classificaria como um livro-surpresa.

Mas não é só a seriedade, própria dos verdadeiros homens da ciência e da cultura, que surpreende. Surpreende ainda o modo como cada um aborda o texto que lhe foi confiado. São de facto todos eles autênticos «comentadores», ou seja, como sugere a raiz latina «cum+mente», pessoas que mergulham com a sua mente na profundidade dos textos, disponibilizando-se à provocação da mensagem que aí encontramos e sem complexos a propõem como «ciência da vida». Percebe-se como cada um, sem sacrificar a sua própria contextualização, ou seja, o ambiente, a cultura ou a religião a que a sua vida está ligada, foi capaz de se deixar envolver pela força humanizadora vinda do alto e deixar passar para os leitores a sua actualidade em termos de vivência. São assim os «buscadores da verdade».

Não usam filtros, rendem-se à verdade venha ela donde vier, nem que seja da eternidade de Deus.

Estamos na Universidade – lugar escolhido para a apresentação –, o lugar onde por definição devem estar os buscadores da verdade, de toda a verdade que enobrece o homem. Pois, como dizia Galileu, precisamos «não só de saber como vai o céu, mas também como se vai para o céu».

Ele dizia isto a propósito da verdade da Sagrada Escritura, onde apenas se deveria procurar o caminho da salvação e não conhecimentos de ordem científica.

Para terminar queria revelar que é também esta a intenção dos editores deste livro-surpresa, assumida por Paulo Mendes Pinto, do Centro de Estudos em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, na introdução ao livro cuja

leitura se torna indispensável para compreender a opção feita pelos textos evangélicos dos domingos do ano de 2005.

É sua intenção proporcionar como que uma agenda em que os dias e as semanas não se sucedam apenas determinados pela voragem do tempo, mas sim guiados por uma tábua de valores, arrancados ao tesouro da Igreja e da humanidade, que são os Evangelhos, e que semana a semana orientam vai já para dois mil anos a vida dos cristãos que se reúnem nas celebrações dominicais.

Estamos quase a meio do ano, mas nunca é tarde para pegar no livro e deixar que o tempo de cada um possa ser lido por aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

---

\* Intervenção na sessão de apresentação do livro, na Universidade de Évora, em Abril de 2005.

---

• **EUROPA,  
OS SEUS FUNDAMENTOS  
HOJE E MANHÃ**

Joseph Ratzinger

Cardeal Prefeito

para a Congregação para a Doutrina da Fé

Editora: Paulus

Apelação, 2005

---

**AJUDANDO A CONSTRUIR  
UMA IDENTIDADE**

*Mónica A. Serra Lázaro*

Em efervescente ambiente de discussão e aprovação de uma Constituição para a Europa, que se constituirá como esteio jurisprudencial e definidor de uma Unidade política, económica e social aprazada, surgiu um documento de reflexão político-histórico-religiosa que, não fora o peso institucional do seu autor, poderia ter tido o destino ignorado de outros volumosos estudos de opinião. Acrescido ficou, porém, o interesse deste documento, a partir do momento em que o seu autor, Prefeito

da Congregação para a Doutrina da Fé, desde 1981, foi investido – sob o nome de Bento XVI – das responsabilidades de chefe de um Estado europeu com características únicas no espaço político do mundo, pois ocupar a cadeira vitalícia de Chefe do Estado do Vaticano corresponde a ser líder espiritual de quase um terço dos habitantes deste planeta, praticantes de uma única religião.

*Europa, os Seus Fundamentos Hoje e Amanhã* é uma reflexão contributiva sobre a Europa, a partir dos seus fundamentos e até aos nossos dias. O livro problematiza as grandes questões, tanto as antigas como as contemporâneas, e tenta desvelar razões em que radica da situação actual: a de uma Europa que, apesar de parecer estar unida política e culturalmente, está, de facto, ameaçada de desunião pela intensa secularização e pela permeabilização a outros valores culturais e religiosos, bem diversificados e estranhos à sua histórica geografia.

A primeira grande questão é a da tripartida definição identitária: “Como nas-

ceu a Europa, quais as suas fronteiras e quem tem o direito de se chamar europeu?" Sinteticamente: "O que é exactamente a Europa?" Ratzinger inicia a resposta múltipla, a partir de uma análise histórica de uma Europa que, curiosamente, nos seus primórdios, se apresentava como um mapa de retalhos diversificados, envolvidos em permanente luta pela defesa ou expansão dos seus domínios, como condição indispensável de afirmação e garantia de sobrevivência grupal. É neste contexto que é vista a realidade social, política e religiosa de cada época, tentando estabelecer um elo entre elas, tendo em conta as alterações que ocorreram com o evoluir dos tempos, mas sobretudo investigando as verdadeiras razões que moviam os interesses de poder que, tão profundamente, marcaram essas recuadas épocas, as diversificadas sociedades europeias e os seus responsáveis políticos.

Para um olhar mais desprevenido ou mais inclinado a perscrutar para além das aparências, esta reflexão pode levar o leitor a questionar-se sobre se realmente o homem europeu, ao longo dos séculos, alguma vez sobrepôs aos seus interesses imediatos, de curto prazo, os da humanidade alargada, constituída também pelos Outros. Ratzinger carrega para a sua análise uma arrojada retratação histórica, em que se vislumbra um grande respeito pessoal pelas diversas religiões e acima de tudo um grande respeito pelo ser humano, na sua diversidade étnica, cultural ou religiosa.

Prosseguindo, explana a amargura de uma constatação: a de que, ao longo dos tempos, se tem assistido a um aumento do individualismo, do egocentrismo cego, sem quaisquer preocupações de coerência, na correspondência dos comportamentos sociais e políticos com os valores de uma Fé – tantas vezes e historicamente, e, por vezes abusivamente, usada como bandeira cultural de pertença e de valores. A cegueira pelo bem-estar individual, imediato e a qualquer custo, é de tal forma aviltante, subjugador e alienante dos mais básicos e naturais sentimentos, que o ser

humano vai, inclusive, perdendo a capacidade de discernimento, não distinguindo, frequentemente, o que é do domínio do direito daquilo que é do domínio do dever. Os aspectos de problemática candente relacionados com a sexualidade e com a genética são paradigmáticos de uma ambiência social confusa e, por vezes, de desnoite. Os filhos, bem primário das sociedades, únicos garantes da renovação e da perpetuação da humanidade, por absurda contradição, são vistos, amiúde, como um entrave social! "Os filhos que são o futuro, são vistos como uma ameaça ao presente; e pensa-se que eles nos roubam algo da nossa vida." Mas, pior ainda, adivinham-se tendências que levam o ser humano a considerar-se como um simples produto, em que uma mãe, a quem não convier um filho, o aborta; e, se quiser retomá-lo, pode cloná-lo, a partir do código génico contido numa simples célula. Perante a desagregação de princípios "sagrados" e a adulteração de valores essenciais, Ratzinger só encontra uma solução: o caminho da Fé, pois "Deus criador é a garantia mais segura da unidade do homem".

Para o autor, estão abundantemente identificadas as razões que conduziram à presente ameaça de erosão de sentidos para a vida, na sociedade europeia, e também as de ameaça de crise de relacionamento. A primeira das quais é de profunda crise religiosa: a falta de respeito que a Europa demonstra pela sua própria Fé histórica, pois, não respeitando a sua Fé, impossível será respeitar a Fé dos outros, e, concomitantemente, merecer o respeito do Outro fiel.

É verdade que, pelo menos desde os alvares da Modernidade, na Europa, sempre parece ter existido, latente, um antagonismo entre a Fé e a Razão. Aliás, o próprio cardeal Ratzinger, ao longo da sua vida, encontrou-se, algumas vezes, confrontado com fiéis racionalistas. Lembremos aqui o aceso e controverso debate que manteve com o pensador Jürgen Habermas que defendia "o liberalismo político como uma justificação não-religiosa e pós-metafísica dos fundamentos normativos

do Estado constitucional democrático”, adiantando que acreditava numa sociedade livre de religião e que a humanidade saberia não ultrapassar os limites impostos pela sociedade, conseguindo assim um respeito mútuo. Concluindo que a religião aprisiona a humanidade nas suas crenças, não a deixando totalmente livre para tomar as suas decisões.

Procurava-se defender a Razão atacando a Fé e, por sua vez, os que tomavam a defesa da Fé, apontavam-na como espaço do Transcendente, fora dos domínios da Razão. Contudo, o autor defende que, ultrapassados muitos dos antagonismos do passado, urge restabelecer-se o equilíbrio entre a Razão e a Fé, e, para isso, estas têm de estar unidas num propósito: o de procurarem um verdadeiro sentido de convergência. Ou seja, o ser humano tem de começar pelo respeito por si próprio, pelos seus valores culturais e religiosos, e distendê-lo, especulativamente, ao seu próximo.

Podemos, deste modo, concluir que a Razão isolada não consegue resolver os problemas sociais e morais da humanidade. Contudo, se a Fé e a Razão convergirem criarão um equilíbrio e poderemos viver melhor, ou seja, independentemente das patologias tanto da Religião como da Razão que prejudicam a paz, só entrando numa relação justa que coloque a Paz como o primeiro dos seus objectivos poderá criar a paz no mundo. O “apostasiado” teólogo Hans Küng, curiosamente invocado pelo autor, diz que não é possível “nenhuma paz no mundo sem a paz das religiões”. Não poderemos viver em paz sem um consenso entre as diversas religiões e o seu respeito mútuo. Sem isso, cresce o fanatismo que leva muitas vezes ao terrorismo em que “Deus é transformado num ídolo, no qual o homem adora a sua própria vontade” e vai usar a religião como motivo para a sua luta contra as injustiças sociais.

Os aspectos superficiais da política são também eles muito controversos e a sua permanente discussão avassala todos os domínios públicos, ameaçando transfor-

mar-se num assunto estéril, sem resultados e sem fim. Ratzinger faz também uma incursão por estes domínios e reflecte, procurando atingir a sua profundidade. Segundo ele, quando se pensa em política, associamos imediatamente discursos de intenção e promessas não cumpridas. A humanidade parece continuamente procurar “alguém” que salve os seus países da situação em que se encontra e que obtenha soluções para os seus problemas. Na era em que vivemos, surgem problemas graves que não sabemos combater, como é o caso do terrorismo. O fosso aumenta cada vez mais devido às diferenças culturais da sociedade contemporânea em que cada ser humano se preocupa apenas consigo próprio.

Na sociedade moderna três valores persistem na consciência comum: o progresso, a ciência e a liberdade.

O *progresso* tem estado presente na nossa vida em diversos aspectos: na medicina, no conhecimento, na exploração das forças da natureza e em áreas diversificadas. Contudo, é o progresso que ajuda a criar desigualdade entre as pessoas e também traz novas ameaças ao mundo. Seria necessário “orientar o progresso segundo critérios morais”.

Relativamente à *ciência*, não se pode negar que tem sido uma mais-valia para a sociedade. Não podemos esquecer a parte “negra” da ciência, tal como as armas de destruição de massas, experiências sobre humanos, tráfico de pessoas para extracção de órgãos, entre outros. Como solução, defende-se que a ciência se deve submeter a critérios morais porque perde a sua verdadeira natureza, “quando, em vez de se pôr ao serviço da dignidade do homem, se coloca à disposição do poder ou do comércio ou simplesmente do sucesso com único critério”.

Por fim, a *liberdade*, que tem sido mal interpretada e associada à anarquia. A liberdade humana deve estar presente no relacionamento mútuo e na liberdade da justiça, e, se assim não for, vivemos numa mentira e por conseguinte na escravidão.

A cura para estas patologias da vida

humana, segundo Ratzinger, só se resolverá quando "...entrar Deus no mundo, a terra poderá de novo iluminar-se e o mundo poderá ser humano".

O então cardeal Ratzinger e, agora, papa Bento XVI, tantas vezes acusado de ser intransigente para com os outros e para com as opiniões contrárias à sua, revela nesta obra uma consciência clara das realidades da Europa e do mundo, ajudando a procurar respostas para a resolução dos

grandes problemas, e, através destas páginas, não nos confrontámos com a intransigência dos preconceitos com que tem sido identificado.

O livro pode até parecer muito cru e directo, a todo o passo não poupando críticas, mas propõe-se continuamente como ajuda ao discernimento e à reflexão sobre as grandes questões que se colocam à interiorização de uma identidade europeia.



---

**RECENSÕES**


---

• **THESAURUS**  
 - **VOCABULÁRIO DE OBJECTOS**  
**DO CULTO CATÓLICO**

Natália Correia Guedes

Editora: Fundação da Casa de Bragança/  
 /Universidade Católica Portuguesa  
 Vila Viçosa, 2004

---

A edição portuguesa do *Thesaurus – Vocabulário de Objectos do Culto Católico* agora dada à estampa, numa publicação da Fundação da Casa de Bragança, mas executada por investigadores da Universidade Católica Portuguesa (Instituto de Coordenação de Investigação Científica/Mediatca Intercultural), é o resultado do projecto internacional “Thesaurus multilingue del corredo eclesiastico”, que teve início na década de 1990, sob a responsabilidade do ministério italiano *per i Beni Culturali*. Foi sua coordenadora a Dra. Sandra Vasco Rocca, e o primeiro reflexo desta iniciativa teve lugar em França, onde a publicação do *Thesaurus* ocorreu em 1999. Em Itália, optou-se, no ano 2000, por uma versão em CD-Rom.

No nosso país, a coordenação do projecto deve-se à Professora Doutora Natália Correia Guedes, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, que contou com a colaboração do Cónego Manuel Lourenço, e uma equipa de dois elementos, constituída pela Dra. Isabel Roque e pela Dra. Dália Guerreiro. Esta equipa foi responsável pela tradução do *Thesaurus* e, principal-

mente, pela introdução de vocábulos específicos da realidade nacional, “(...) designadamente os que se referem aos objectos que eram utilizados nas Misericórdias ou os do cerimonial presidido pelo Patriarca de Lisboa (a quem foram conferidas pelo papado, no século XVIII, prerrogativas únicas na Europa), atendendo ao contributo de Portugal na expansão da fé no nosso extenso Padroado, como o acompanhamento de flabelos, de tintinábulo, o uso de sedia gestatória, do subcintório do asterisco, que imprimiram às cerimónias um sentido barroco tão ao gosto romano”<sup>1</sup>.

Na prática, o atraso relativamente à edição italiana permitiu, de acordo com a responsável portuguesa, uma mais eficaz gestão dos recursos, da qual resultou uma maior atenção e uma efectiva adaptação deste *Thesaurus* às especificidades da cultura religiosa do nosso país.

Os objectos referenciados abrangem uma vasta área de trabalho no campo das artes decorativas, e a presente obra tem o mérito de enunciar e informar sobre a utilização e significado de cada um. Como refere o Professor Doutor Manuel Braga da Cruz, esta questão é ainda mais expressiva no caso dos objectos que se encontram já fora de uso, ou são empregues apenas em ocasiões esporádicas, incorrendo, por isso, no perigo de serem “(...) desvalorizados, deturpados ou até minorizados”<sup>2</sup>.

O *Thesaurus* estrutura-se em duas partes. Na primeira, o vocabulário de

objectos do culto católico é organizado de acordo com uma hierarquia temática, onde cada objecto é referenciado com uma designação principal e, eventualmente, outras secundárias. Segue-se a respectiva tradução (italiano, francês, inglês) e a nota explicativa, esta última mais extensa e definidora do conceito. A segunda parte é uma listagem, onde os termos se organizam de acordo com a norma internacional de *Thesaurus* (ISSO 5964), permitindo estabelecer relações semânticas, reenvios e variantes terminológicas. Na totalidade, compreende 5 Termos Genéricos (*Mobiliário Religioso, e Guarnições de Uso Litúrgico, Objectos Religiosos, Paramentos Religiosos, e Instrumentos de Música Litúrgica*), 47 Termos Específicos, e 898 Termos Descritores.

Neste contexto, importa destacar a significativa componente iconográfica deste *Thesaurus*, pois boa parte dos termos é ilustrada com imagens de peças portuguesas e de outros países, principalmente de Itália. Estas imagens permitem a visualização imediata do conceito escrito, difundindo, simultaneamente, o património móvel nacional, onde se incluem peças bastante conhecidas, a par de outras bem menos divulgadas, salientando-se, ainda, o espólio indo-português.

A importância dos *Thesauri*, no campo do património, é hoje sobejamente reconhecida, constituindo imprescindíveis ferramentas de trabalho para todos quantos se ocupam da inventariação, catalogação, salvaguarda e divulgação dos bens patrimoniais. Entende-se por *Thesauri* as listagens de termos especialmente utilizados por uma determinada área científica, devidamente indexados e, relacionados entre si segundo uma estrutura hierárquica, de equivalência ou associativa<sup>3</sup>. Em última análise, esta estrutura permite estabelecer e organizar conceitos, facilitando a sua utilização

quer de um ponto de vista mais generalista, quer de forma particularmente rigorosa e específica, aplicando as designações consideradas mais correctas e evitando a duplicação de termos.

A uniformização de conceitos e terminologias é essencial para uma boa gestão e articulação dos inventários, principalmente, numa época em que se caminha, ou procura caminhar, para a sua integração em rede. A abertura europeia, e o contacto com realidades internacionais (sem esquecer o vasto mundo lusófono), implica uma maior clareza na terminologia utilizada, e a existência dos *Thesauri*, e nomeadamente, dos *Thesauri* multilingue, é uma necessidade.

No nosso país, e apesar do esforço verificado nos últimos anos, permanece ainda por realizar um vasto trabalho de inventariação de património. Se, por um lado, são hoje visíveis os resultados do forte empenho das estruturas museológicas, a realidade é que, apesar do esforço de algumas dioceses, tarda em concretizar-se um inventário sistemático e global dos objectos do culto, no que diz respeito às instituições da Igreja.

A publicação deste *Thesaurus* vem, em boa hora, colmatar uma importante lacuna no campo da arte religiosa, contribuindo, com toda a certeza, para uma mais forte motivação por parte da igreja, no sentido de proceder à inventariação rigorosa do seu vastíssimo património. Ideia, aliás, bem presente nas directrizes da Santa Sé e nas várias Notas sobre o Património Histórico-Cultural da Igreja, emitidas pela Conferência Episcopal Portuguesa, onde a salvaguarda dos bens culturais é referida como uma obrigação da Igreja e dos vários sectores da sociedade: entende-se que, sem conhecer, “(...) *sem reconhecer os objectos da nossa identidade* (...)”<sup>4</sup>, não é possível preservar.

Por outro lado, uma parte do património cultural católico encontra-se, também, na posse de outras instituições ou de particulares, para quem o *Thesaurus* agora dado à estampa, constitui uma mais valia no entendimento efectivo dos objectos que integram os seus acervos, permitindo uma melhor gestão e um inventário mais rigoroso.

Se o inventário e a gestão de colecções são, porventura, os campos privilegiados de actuação desta obra, outras áreas há em que a sua utilização se reveste de grande importância. Entre estas, destacamos a História da Arte, disciplina onde a correcta designação dos termos e significados é primordial, contribuindo para a compreensão de cada objecto por si só, mas também para a sua integração num contexto mais vasto, de leitura iconológica.

Em jeito de conclusão, vale a pena salientar que, pela sua relevância e abrangência, o presente *Thesaurus* não se pode

confinar apenas ao meio científico; pelo contrário, ultrapassa em muito este âmbito, convidando a um mais qualificado, esclarecido e profundo conhecimento da arte da igreja católica.

*Rosário Salema de Carvalho*

<sup>1</sup>Nátalia Correia GUEDES, *Thesaurus – Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança/Universidade Católica Portuguesa, 2004.

<sup>2</sup>Manuel Braga da CRUZ, *Thesaurus – Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança/Universidade Católica Portuguesa, 2004, p. 011.

<sup>3</sup>As relações hierárquicas estabelecem, como o nome indica, hierarquias, sendo utilizados os termos genéricos (TG), mais abrangentes, e os termos específicos (TE), mais restritos. As relações de equivalência correspondem aos significados semelhantes, elegendo-se um como principal, ou descritor, e os restantes como não descritores. A sigla USE refere o termo descritor, e a UP o termo não descritor. Por fim, as relações associativas indicam termos relacionados não de forma hierárquica, mas semântica ou funcional.

<sup>4</sup>Vitor SERRÃO, “Caracterização da História da Arte em Portugal – Novos Debates e Novas Metodologias de Trabalho”, *A Cripto-História da Arte*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p. 217.

• DO ECUMENISMO CRISTÃO  
AO ECUMENISMO UNIVERSAL

*Fernando dos Santos Neves*

Editora: Edições Universitárias Lusófonas  
Lisboa, 2005

Éis reeditado um livro que, tendo aparecido em 1968 em Angola, é manifestamente, na tese que então defende, um livro *antecipador, corajoso e lúcido*.

É *antecipador* no quê? Essencialmente nisto: na medida em que o seu autor, há quarenta anos, vê já o ecumenismo como um movimento de que o horizonte não pode esgotar-se confessionalmente numa coincidência com as fronteiras das Igrejas cristãs. Isto é: o horizonte do movimento ecuménico não pode ser outro senão o horizonte do mundo. Isto, afirmado no tempo em que o foi, é já antecipar uma problemática que só posteriormente começará a suscitar o

interesse da teologia. Por exemplo: só muitos anos depois se começou a alargar o diálogo ecuménico, estendendo-o às religiões não cristãs.

É *corajoso* no quê? Essencialmente nisto: na defesa em livro de uma tese que, em 1968, não podia deixar de suscitar os riscos das reacções eclesiais e políticas. Reacções eclesiais, as da sua Igreja, de que era um membro do clero. Reacções políticas, as da omnipresente PIDE. E houve-as, de um lado e do outro.

Fernando Santos Neves tem, indubitavelmente, em 1968, uma palavra que poderíamos caracterizar como de tipo profético. E profético não no sentido de prever o futuro, mas no verdadeiro sentido do profético, o de pronunciar uma palavra com uma carga interpelante do presente. Que é, frequentemente, uma palavra incómoda.

É *lúcido* no quê? Na compreensão do que está implicado, logo à partida, etimologicamente, no termo *ecumenismo*: a palavra formou-se a partir da forma verbal grega *oikoumenê* (verbo *oikeô*, habitar) que significa toda a terra habitada. Santos Neves sente, logo à partida, o salutar peso etimológico da palavra. E tira daí as inescapáveis e importantes consequências. O que está em jogo, pois, tem a ver com o tema da universalidade. Isto é, há um horizonte que transcende o horizonte habitual das Igrejas e nelas não se esgota: o ecumenismo, visto assim, implica um diálogo criador entre as Igrejas por um lado, e entre as Igrejas e o mundo dos homens e das mulheres por outro lado. Quer isto dizer que a questão das Igrejas é inseparável da questão do mundo. Apague-se o mundo do horizonte de fé das Igrejas, e

estas ficarão reduzidas a uma insignificância total. Não passarão de significantes sem significado.

Há que ler o livro de F. Santos Neves. É que a paixão que o habita não é redutível a uma questão de *lana-caprina*. O que lá se joga é uma tomada de consciência essencial (e uma tomada de consciência é uma atitude em que se toma a consciência nas mãos sem que, à partida, conheçamos o caminho a trilhar): ou o ecumenismo é entendido como uma segurança eclesiocêntrica, e nesse caso o que se defende é a exclusividade da presença desse Mistério a que chamamos Deus numa comunidade particular, ou o ecumenismo é entendido em perspectiva cosmocêntrica e o que importa é descobrir e glorificar essa presença em cada mulher e cada homem.

*Dimas de Almeida*

• DIREITO NATURAL,  
RELIGIÕES E CULTURAS

- I Congresso Internacional  
de Direito Natural.  
Faculdade de Direito  
da Universidade do Porto

*Paulo Ferreira da Cunha*

Editora: Coimbra Editora  
Coimbra, 2004

Trata-se de uma excelente publicação resultante do I Congresso Internacional de Direito Natural levado a efeito, em 2004, pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Integram-na mais de uma dezena de trabalhos, quase todos de especialistas portugueses. A problemática do Direito Natural, tónica dominante, é nesses trabalhos abordada em variadas e sugestivas vertentes.

A riqueza dos textos é habitada por uma convicção: a de que o Direito Natural, coisa já antiga, chega até nós hoje com a sua força interpelante. Portanto,

como coisa nova. Di-lo logo no preâmbulo, com a autoridade da competência que é a sua, Paulo Ferreira da Cunha: «O Direito Natural (...) figura no rol dessas coisas antigas que se revelam sempre novas. E mais: tem o Direito Natural tempos em que, como o cisne de Goethe, vem de novo à tona depois de períodos de imersão. Parecendo então mais novo ainda – porque renascido.»

Não podia ser mais actual a temática-problemática desta publicação. Num tempo em que o terrorismo é matéria inescapável de debate, não se pode iludir a importância da inclusão, nesse debate, de um melhor conhecimento mútuo dos vários universos religiosos, nomeadamente do que cada religião diz ser, na sua óptica, o homem. Isto é: impõe-se a necessidade de uma revisitação do conceito de natureza, revisitação que parece supor um ajustamento aos novos conhecimentos antropológicos. É que, se no passado (e no presente?), em al-

gumas das grandes tradições religiosas a ordem natural foi identificada, em grande parte, como ordem divina, o homem moderno assume uma postura muito mais livre perante essa ordem: ele sente-se autorizado, na configuração do mundo, a impor fins e sentidos por ele

elaborados. Eis aí um campo sedutor para um debate necessário.

Parabéns à Faculdade de Direito da Universidade do Porto pela realização deste I Congresso, e pela publicação destes textos daí resultantes.

*Dimas de Almeida*



---

**INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS**


---

D. MANUEL FRANCO FALCÃO

Bispo Emérito de Beja

*Enciclopédia Católica Popular*

PAULINAS Editora, Prior Velho, 2004, 544 pp.

---

Por ocasião das Jornadas da Comunicação Social para a América Latina, em 1985, João Paulo II, numa alusão à actividade evangelizadora da Igreja referiu-se à “sociedade da informação” com esta objectiva profundidade: “O mundo da comunicação social encontra-se hoje submetido a um desenvolvimento tão vertiginoso quanto complexo e imprevisível... Trata-se de uma revolução que, não só comporta mudanças nos sistemas e técnicas de comunicação, mas afecta todo o universo cultural, social e espiritual da pessoa humana.” (*Comunicação: Missão e Destino*, EP, p. 7).

Atento à realidade da circulação de ideias, aos problemas comunicacionais, aos vários tipos de discursos e textos (religiosos, culturais, científicos ou jornalísticos), Paulinas Editora promoveu a edição da *Enciclopédia Católica Popular*, da autoria de D. Manuel Franco Falcão, Bispo Emérito de Beja. Esta obra contempla a Espiritualidade e a Sagrada Escritura e abrange, também, os temas da Teologia, Pastoral, Liturgia, Direito e Moral.

Por se tratar de obra específica, repleta de valor didáctico e sentido prático, direccionada para comunicadores não é despropositado esclarecer quanto é oportuna a emergência desta enciclopédia de termos religiosos para moldá-la aos propósitos que rodeiam a acção profissional dos co-

municadores mediáticos. É do senso comum que os actuais profissionais dos *media* generalistas têm uma noção bastante clara do grau ou nível de conhecimentos que devem possuir e das inerentes dificuldades reinantes para o bom desempenho da tarefa de informar leitores e sociedade em geral. A evolução dos tempos vem, cada vez mais, impondo melhoria de conhecimentos teóricos e técnicos que qualifiquem os jornalistas em áreas especializadas de comunicação. Este ponto de vista é bem patenteado por Mar de Fontecuberta Balaguer, catedrática de jornalismo da Universidade Autónoma de Barcelona quando diz: “Actualmente predomina nas redacções a figura do jornalista generalista, mas tudo aponta para uma progressiva importância do jornalista especialista.”

Ora, sobre este ponto, a obra produzida pelo bispo D. Manuel Falcão, além de oportuna e actual, é ferramenta didáctica primordial, «caída dos céus», para retemperar o universo dos comunicadores e ajudar na desmistificação de termos, conceitos, dogmas, e promover a mediação entre o hermetismo dos termos técnicos eclesiais e traduzi-los em linguagem popular e acessível à generalidade dos leitores. Para que tal seja possível, a *Enciclopédia Católica Popular* associa ao seu estilo corrente a conversão dos termos técnicos em linguagem popular contribuindo para o enriquecimento do universo jornalístico e dos comunicadores de língua portuguesa.

Para aqueles que desejem maior aprofundamento das matérias, foram incluídas referências sobre áreas especializadas como os livros das Escrituras e documentos do Magistério. Nela se encontram ain-

da as referências a documentos frequentemente mais citados como os do “Concílio Vaticano II, o novo Código do Direito Canônico, o Catecismo da Igreja Católica, os Preliminares dos Livros Litúrgicos da reforma conciliar e os principais documentos da Doutrina Social da Igreja”. Cada capítulo, que contempla entradas com maior desenvolvimento, além de numerosos, apresenta títulos a negro e em itálico, o que muito facilita a consulta e direciona a busca. O mesmo critério é aplicado às expressões latinas ou em língua estrangeira. As entradas escritas (só) a negro contemplam termos ou expressões que podem conter mais do que um sentido. Um extenso rol de siglas e abreviaturas, subdivididas por documentos e por referências ao Antigo e ao Novo Testamento, de fácil consulta, corporizam as primeiras páginas da Enciclopédia, que se apresenta protegida por capa dura, a cores, de fácil manuseio e transporte.

O autor pretende que a utilidade desta Enciclopédia se estenda para lá do âmbito dos agentes da comunicação “para se alargar a outras pessoas desejosas de maior cultura católica, nomeadamente catequistas, membros de movimentos católicos, e até clérigos preocupados com a sua actualização doutrinária e pastoral”.

Como ferramenta de trabalho jornalístico vale a pena consultá-lo. Do seu manuseamento fica-nos a certeza de, através da sua extensa informação, alfabeticamente ordenada, podermos, através de um texto claro, conciso e preciso, entender sem «mistérios», os vocábulos e expressões do Catolicismo e a substância da sua doutrina, e, com mais clareza, contribuir, por via dos processos comunicacionais e informativos de uma comunicação autêntica, para a construção de uma sociedade humanizada e eticamente esclarecida.

*António Salvador Reis*